SUMMARIO.

Conhecimentos-uteis: Economia-politica (*Continuação*)— Manufacturas inglezas. — Producto e consummo de cereaes no districto de Lisboa no anno de 1844 — Instrucção-publica (*Continuação*). — Parte-litteraria: Estudos-moraes (I Da dissimulação em referencia ás Senhoras) — Uma viagem de dois annos (Capitulo II). Variedades: Do tractamento de senhoria — Ladrões que nenhuma lei pune — Correio-Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ECONOMIA-POLITICA. *

VII.

930 — 138 Ja se disse como os homens não podendo crear todos os productos de que cadaum d'elles precisa, houveram recurso á permutação para obter quanto necessitassem; e tambem se disse, que, como ésta permutação directa é quasi sempre impossivel, se trocam primeiro os productos creados por moeda (venda), para depois se trocar ésta moeda por os outros productos de que carecemos (compra).

139 Quanto mais civilizado está um paiz, maior é a divisão do trabalho, mais numerosas são as permutações, e mais importantes são as funcções do dinheiro. Estas funcções e a natureza íntima d'esta parte do capital, poderoso instrumento da circulação, só pelos fins do último seculo é que foram bem analysadas. A ignorancia n'este ponto, que ja não existe na sciencia, mas que subsiste ainda no público e na administração do Estado, é a primeira causa de muitos erros, más doutrinas e funestas disposições entre governantes e governados. A importancia da questão e as circumstancias pecuniarias actuaes do paiz, me obrigam a dar maior desinvolvimento a este ponto do que tenho dado a outros.

140 Pelo que se sabe do valor e das funcções da moeda na permutação, facilmente se ve que qualquer mercadoria póde servir d'escalla ou medida commum para comparação do valor de todas as outras, de modo que se póde assentar como principio:

1.° Que toda a mercadoria é moeda;

2.° E reciprocamente, que toda a moeda é mercadoria.

141 Mas nem todas as mercadorias apresentam uma escalla de valores egualmente commoda. Para que uma mercadoria seja capaz de servir como meio de permutação e que se converta em moeda, necessita ter, além das outras, as seguintes propriedades:

142 1.° Que tenha uma certa *utilidade*, de que possa provir um *valor* proprio, natural.

143 2.° Que este valor seja por assim dizer *estavel*: quer dizer, que o conserve em toda a parte desde o instante em que é recebida quando se vende, até aquelle em que é dada quando se compra. É necessario pois que ella conserve quanto seja possivel a mesma utilidade, e a quantidade existente, assim como que os obstaculos á sua producção sejam sempre os mesmos. É preciso pois tambem ella resista o mais possivel ao uso e aos agentes chimicos.

144 3.° Que possa ser *dividida*, fraccionada de tal modo que com ella se possam comprar objectos de todo o valor; isto é: deve ser de tal uniformidade e homogeneidade que todos os seus fragmentos tenham as mesmas qualidades, sem que d'ahi resulte alteração alguma no valor d'ella.

145 4.° Que seja *transportavel* com pouca despeza e o menor perigo possivel; isto é: que tenha grande valor em pequeno volume e se possa guardar em pequeno espaço.

146 5.° Que o seu valor seja facil de *conhecer* por todos; isto é: que receba com facilidade um cunho que lhe indique esse valor.

6.° De todas éstas qualidades deriva ainda uma sexta, que, em consequencia da confiança publica, ésta mercadoria conhecida e appreciada circule tambem com mais facilidade de uma para outra provincia, de uma para outra nação.

147 Com todas éstas qualidades, todos os vendedores acceitarão na maior parte dos casos, com melhor vontade a moeda que qualquer outra mercadoria. Isto porém nem sempre assim é.

148 Acabou-se de fallar do valor da moeda; convem que se saiba bem que o valor das moedas não é arbitrario, e que elle não dependerá jamais da auctoridade publica, porque é unicamente resultado do livre ajuste entre o vendedor e o comprador. Quando a moeda é alterada o preço das coisas levanta: é uma lei natural. A experiencia tem demonstrado que nenhum podêr no mundo é capaz de fazer acceitar uma moeda por mais do que ella vale; porque n'este caso escondiam-se as fazendas, ou se ajustaria ás escondidas, ou se estipulariam taes condições que illudissem uma parte do preço. Por outras palavras, o valor das moedas está subjeito ás oscillações do mercado e regula-se segundo as despezas da producção. Quando a quantidade das moedas augmenta e o seu valor diminue, o preço das coisas augmenta na proporção.

149 Apenas ha duas mercadorias que tenham de todo a utilidade, a constancia de valor, a divisibilidade e as outras qualidades que acabei de enumerar. Estas duas materias são, desde antigos tempos o *oiro* e a *prata*, que são designados com o nome de metaes preciosos. O diamante e as outras pedras-preciosas se approximam d'elles, mas falta-lhes o character de divisibilidade e a possibilidade de receber cunhos.

150 A historia diz-nos como differentes povos teem tido moedas feitas de diversas materias. Nos tempos em que os metaes, communs agora, eram raros, empregavam-nos n'isto. Os lacedemonios tiveram moedas de ferro; os primeiros romanos tiveram-nas de cobre. O sal servia de moeda na Abyssinia, o bacalhau na Terra-Nova, as conxas nas ilhas Maldivas, o cacau no Mexico, o coiro na Russia, até ao tempo de Pedro I, e tambem no nosso paiz algum tempo, assim como o cobre ainda hoje em quasi todas as nações. Mas estas mercadorias, adoptadas para moeda porque tinham algumas das qualidades acima descriptas, não poderam ter longo curso assim que as nações em que circulavam houveram de commerciar além de certos limites, porque fóra de um certo territorio ja não existiam as mesmas razões que n'elle as fizera empregar como moeda.

151 As muitas propriedades do oiro e da prata lhes dão o privilegio de serem, em pequeno volume, aptas para innumeraveis usos, quer seja em objectos

* Continuado de pag. 302.

de luxo, quer seja em objectos de utilidade scientifica ou industrial. Demais d'estas duas propriedades que os fazem muito procurados, tem ainda estes dois metaes a vantagem de ser raros e de custosa e limitada producção. O oiro as possue no primeiro grau, e por isso é aquelle que vale mais; isto é: é aquelle porque se costuma dar d'escaibo maior quantidade de fazendas. Esta raridade e ésta difficuldade de extracção parecem á primeira vista um mal, porque fazem com que muita gente se não possa servir dos metaes preciosos para trastes do seu uso; mas este pequenissimo inconveniente annula-se de todo quando os metaes preciosos são empregados como moeda.

152 Ha coisa de vinte-e-cinco annos tractou-se de fazer da platina um metal monetario á imitação do oiro e da prata; este corpo tem em geral (quasi com o mesmo brilho metalico) as mesmas propriedades physicas e chimicas, e tem tambem as mesmas condições de raridade e carestia de producção que os metaes preciosos. A Russia fez moeda de platina; mas ésta moeda teve que ser abandonada na permutação; porque a fabricação do novo metal fez em pouco tempo grande progresso, e o seu valor não tem tido a duração e a constancia do oiro e da prata.

153 Esta mesma difficuldade que se incontrou em cunhar moeda de platina, se incontrará sempre que a chimica tendo fornecido meios de obter um metal bonito, raro, e util, nos quizermos servir d'elle para substituir o oiro e a prata.

154 É coisa bem digna de se notar que os metaes preciosos se não tenham achado nunca em demasiada abundancia, e que as despezas da sua extracção lhe tenham regularmente sustentado o valor, ao contrário do que acontece com os outros metaes. Até hoje, o oiro e a prata nem são raros demais, e por consequencia não tam caros que a quantidade de oiro ou prata equivalente á maior parte das fazendas, nos escape aos sentidos pela sua pequenez; nem tambem tam communs que seja necessario transportar grande quantidade d'elles para representar grande valor.

155 Diz-se geralmente que as moedas são o *signal representativo dos valores:* mas ésta expressão está longe de ser exacta: nem póde ser tomada de um modo absoluto. O valor das moedas serve frequentemente para avaliar uma outra riqueza e dar idea do seu valor: porque não ha ninguem que deixe de estar familiarizado com ésta mercadoria — a moeda — todos são commerciantes de moeda, e o valor d'esta, se bem que variavel, não o é tanto como o da maior parte das outras mercadorias.

156 Mas nem a moeda, nem nenhuma outra mercadoria, póde servir, em razão do seu valor, para medir *exactamente* o valor de outro objecto; porque ella mesma não conserva o mesmo valor em todos os tempos nem em todos os logares.

157 Tem-se dado porém á moeda mais privilegios ainda do que ella realmente tem, e tem-se-lhe attribuido um character de fixidade absoluta. Partindo d'este principio, inteiramente falso, os governos algumas vezes teem mudado o valor sem mudar o nome da moeda, e d'este modo teem feito *moeda-falsa.*

158 Se houvesse um typo invariavel dos valores, a esse typo reportariamos os valores de todos os tempos e logares de que fizessemos menção, mas até hoje temos que dar de mão a ésta vantagem e havemos de nos contentar com ver apenas nas avaliações monetarias avaliações que se aproximam sim mais da verdade do que as avaliações expressadas por outros objectos, mas sempre avaliações meramente relativas.

159 Os que fazem consistir a riqueza publica exclusivamente na quantidade d'oiro ou prata que possue um Estado, assentam tambem que os governos devem constantemente attrahir estes metaes abençoados ao seio da sua patria. Tudo isto é uma chimera. O valor da moeda diminue na proporção da sua abundancia, e augmenta na proporção da sua escassez. O dinheiro não presta nem d'elle se carece para outra coisa mais do que para o serviço ordinario da permutação; em havendo o sufficiente para isto, tudo o que for demais não servirá senão para fazer dar dez pelo mesmo porque se dava cinco.

160 Tambem alguem pareceu receiar, que pela applicação que se faz dos metaes preciosos para immensos usos, e por outros motivos, o dinheiro viesse a faltar. É um receio bem temporão! Ainda hoje as minas nos fornecem quantidade muito superior. O que porém é certo é que o valor dos metaes preciosos parece seguir uma depreciação lenta mas contínua.

161 Diz-se que a extracção do oiro é 45 ou 46 vezes menor que a da prata. O valor do primeiro d'estes metaes, sôbre o outro, é como de $15\frac{1}{2}$ para 1: do que se segue, que o valor respectivo dos dois metaes não procede so das quantidades respectivas, mas tambem do custo da producção combinado com as necessidades dos consummidores.

162 O oiro e a prata, não podem ter, em virtude da diversidade de sua natureza e usos, uma conformidade invariavel e exacta de valor. D'aqui procede o agio que ha quasi sempre em todos os paizes entre a moeda de oiro e a de prata.

163 Depois dos metaes preciosos o dinheiro em cobre é o mais usado entre as nações. Mas ésta moeda, e a de bilhon (mistura de prata e cobre) não tem valor intrinseco correspondente ao valor das coisas que se mercam com ella: é apenas um signal representante das fracções da moeda de oiro ou prata, que por diminutissimas se não poderiam usar d'esses metaes.

(Continúa.)

MANUFACTURAS EM INGLATERRA.

931 De uma das melhores publicações inglezas, o *Penni Cyclopedia*, extrahi o seguinte artigo que julgo não deixará de agradar aos leitores da REVISTA.

« O desinvolvimento que tem tido logar na Gran' Bretanha, desde o ultimo seculo, no artigo manufacturas, é sem duvida o mais notavel da historia de todo o mundo. Livre da aggressão de inimigos exteriores, e de commoções interiores, emancipada do systema feudal, e no gozo completo das suas instituições liberaes, juncto com a actividade e energia natural de seus habitantes, tem ella estimulado e levado a industria manufactora a um grau extraordinario de augmento, além da competição, se não fôr tambem da rivalidade das nações extrangeiras. Durante a primeira metade do seculo passado, e antecedentemente, as mercadorias de lan formavam o principal artigo da sua exportação, e apar d'estas eram as ferragens, cutellaria, couros, e manufacturas de linho, cobre, latão etc. Depois do

anno de 1770, as manufacturas de algodão principiaram a augmentar-se, e presentemente é tal a sua importancia, que a exportação annual de manufacturas de algodão, é egual so per si a metade do valor do total das exportações de todas as producções e manufacturas britannicas. Tem augmentado tamdem consideravelmente as manufacturas de lan, linho, ferro, aço, cobre, latão, assucar refinado, cutellaria, ferragens, sedas manufacturadas, e obras de folha branca etc. O valor aproximativo das producções e manufacturas do reino unido da Gran'Bretanha, exportadas annualmente, tomando o termo medio dos tres annos findos em 5 de janeiro de 1830 é de Lib. 52,925,440 esterlinas, pelo valor official.

As manufacturas de algodão suppõe-se que foram introduzidas na Gran'Bretanha no seculo XVII. Parece comtudo, que durante os cinco annos, que findaram em 1705, o algodão importado annualmente foi somente 1,170,881 arrateis.

Quando Jorge III subiu ao throno, o valor total das manufacturas de algodão era calculado unicamente em Lib. 200,000 annualmente, e so depois da invenção das maquinas de fiação em 1767, e das descubertas e inventos posteriores é que a manufactura de algodão começou a desinvolver-se com rapidez. A importação do algodão em rama em 1781, foi 5,198,778 arrateis, em 1791 tinha augmentado a 28,706,675 arrateis, em 1801 a 56,004,305 arrateis, em 1811 a 91,576,635 arrateis, em 1821 a 126,420,000 arrateis, e em 1830 a 259,856,000 arrateis.

É de notar que presentemente mais de metade do algodão em rama importado, vem dos Estados-Unidos, quando antes de 1790 a America do norte não fornecia nem siquer um arratel de algodão. De 19,900,000 arrateis de algodão em rama importados em Inglaterra em 1786 — 5,800,000 arrateis vieram das possessões inglezas (*West Indies*) 5,500,000 das colonias francezas e hispanholas, 1,600,000 das colonias hollandezas, 2,000,000 das colonias portuguezas, 5,000,000 de Smyrna e da Turquia. Actualmente de 227,760,000 arrateis de algodão em rama importados em 1828 — 151,752,000 foram dos Estados Unidos — 29,143,000 do Brasil — 32,187,000 das Indias — 6,454,000 do Egypto — 6,893,000 das colonias britannicas — 726,000 da Columbia — 471,000 do Grecia — e 134,000 da Turquia.

Está calculado que o valor das manufacturas de toda a qualidade de fazendas de algodão sóbe annualmente na Gran'Bretanha a Lib. 36,000:000 esterlinas; que o capital empregado em edificios, maquinas, operarios, maquinistas e generos sóbe a Lib. 56,000,000; empregando-se n'esta manufactura perto de um milhão e quatrocentas mil pessoas, incluindo as familias dos interessados, que se manteem d'estes estabelecimentos. — Entram n'este numero 883,000 tecelões, fiadores e branqueiadores etc., e 111,000 ingenheiros, maquinistas, pedreiros, serralheiros, carpinteiros etc., que fazem em ordenados e jornaes Lib. 24,000,000.

T. Oom Junior.

MAPPA DA COLHEITA E CONSUMMO DE CEREAES NO ANNO DE 1844, NO DISTRICTO DE LISBOA. (1)

932 Venho hoje ao trabalho mais vital que por ventura me coube ainda fazer ou a alguem em Portugal, sôbre a economia d'este nosso povo portuguez.

É para deplorar com a contricção mais pungente, que emlogar de os animos se virarem para éstas e outras mais indagações, onde se havia de achar a origem dos nossos padecimentos, e ao mesmo tempo o remedio para elles, ninguem queira procurar a solução de todas as nossas questões sociaes, senão na bruta politica de sangue e em carregar com uns poucos de arrateis de ferro ao hombro para com elle dar a morte ao seu similhante impunemente.

O mappa que eu vou dar ao publico foi-me facultado por muito obsequio de uma das nossas repartições publicas por pessoa intelligente, e que é um dos poucos servidores do Estado que sabe desempenhar o seu cargo com pericia.

Eu não direi que as cifras que este mappa encerra tenham todo o cunho da certeza, mas assim mesmo feitos todos os descontos n'ellas, que as circumstancias possam induzir, ainda ficam resultados taes, que nos devem fazer estremecer.

Ha uma idea vaga n'este paiz que eu tenho tractado de rectificar, porque por mais que se queira insistir n'ella, nenhuns factos, a sustentam, vem ella a ser, que nós produzimos bastantes cereaes para o sustento que é dado a cada individuo. Olha-se para os dizimos não se ve ahi a producção necessaria; olha-se para a estatistica de Coimbra de 1840, a mesma falencia; olha-se para o consummo de Lisboa segundo a estatistica do Terreiro em 1842 e tambem a mesma penuria.

Por todas as formas tenho tractado de resolver este problema, tanto historicamente, como na actualidade, e não tenho podido nunca colher outras provas mais senão é da quasi fome que padece ésta nossa população de Portugal. Os economistas dão 30 alqueires de cereaes para a arrazoada sustentação por individuo por anno. Este computo, é impossivel entre nós, segundo todos os esclarecimentos que eu tenho podido alcançar vai ja em uns poucos de annos que me dedico ao estudo d'este assumpto.

Tractei de expôr éstas considerações antes de entrar no merecimento do mappa que publico, para que se não cuide, que eu intendo que as quantidades n'elle são muito deficientes.

Eu não estou por isso, no que eu estou decididamente, porém é, que as privações do nosso povo é que são muito grandes; que são terriveis, e que a sua esqualidez, é testimunho inexpugnavel, em apoio das minhas convicções.

Segue o mappa, e conluirei depois:

(1) Pela primeira vez se publica entre nós um trabalho de natureza tam transcendente! A REVISTA não póde deixar de agradecer aos infatigaveis estudos statisticos e ao patriotico zêlo do seu Auctor, a escolha d'este jornal para a publicação das suas importantes lucubrações.

Da *Redacção.*

MAPPA DA COLHEITA E CONSUMMO DE CEREAES NO ANNO DE 1844.

Concelhos.	Colheita.				Consummo.			
	Trigo moios.	Centeio moios.	Cevada moios.	Milho moios.	Trigo moios.	Centeio moios.	Cevada moios.	Milho moios.
Alcacer do Sal	2,906	941	651	281	2,004	1,342	581	318
Alcochete	200	72	240	153	1,430	66	220	165
Alcoentre	333	2	100	462	405	3	110	1,096
Aldea Gallega da Merceana	636	»	90	570	273	»	95	335
Aldea Gallega do Riba-Tejo	430	341	243	430	1,090	283	147	509
Alemquer	3,550	87	520	908	1,621	24	387	2,426
Alhandra	319	»	100	40	524	»	77	593
Alhos Vedros	91	93	34	133	194	196	83	384
Almada	165	12	75	190	1,944	179	48	316
Alverca	400	»	425	36	640	»	127	501
Arruda dos Vinhos	1,850	»	480	460	543	»	385	1,340
Azambuja	1,790	4	454	323	892	9	261	1,269
Azeitão	107	9	15	301	900	30	582	490
Azureira	257	»	46	484	425	»	93	1,198
Barreiro	2	60	»	50	1,061	5	2	62
Bellas	876	»	275	193	1,580	»	144	128
Cadaval	1,350	»	920	1,482	1,589	»	755	1,665
Cascaes	1,155	»	1,330	79	1,536	»	1,138	161
Cezimbra	386	15	92	339	1,422	155	249	1,015
Cintra	3,502	1	2,325	2,284	2,231	1	3,446	2 643
Collares	100	4	54	160	225	60	160	894
Enxara dos Cavalleiros	633	»	164	573	438	2	351	1,138
Ericeira	67	»	45	54	522	16	203	1,187
Grandola	900	880	220	84	743	954	195	84
Lourinhan	904	1	133	1,456	560	6	169	2,027
Mafra	760	1	411	703	586	1	519	808
Moita	134	50	180	150	730	35	120	545
Oeiras	1,326	»	295	308	1,805	»	384	158
Palmella	215	118	99	205	993	191	200	613
Peniche	380	2	25	1,850	171	3	22	1,410
Rebaldeira	317	»	159	384	576	»	307	827
Sanct'Iago do Cacem	22	31	22	287	1.674	59	28	341
Seixal	200	31	130	120	5,400	75	558	290
Setubal	300	30	18	51	545	30	53	51
Sines	461	»	176	401	165	»	103	948
Sobral de Mont'agraço	1,357	118	212	227	1,278	108	124	112
Torres Vedras	2,687	7	959	3,176	1,810	7	1,019	5,427
Villa Franca de Xira	3,052	»	678	43	3,819	»	662	737
Lisboa. Alfama	1,882	4	674	709	10,490	7	1,376	2,333
Lisboa. Mouraria	599	»	145	177	12,459	»	611	34
Lisboa. Rocio	84	»	75	90	13,983	»	35	462
Lisboa. Alto	2,145	8	1,367	670	12,430	4	2,352	1,086
Lisboa. Sancta Catharina	115	»	34	30	11,374	»	1,169	63
Lisboa. Belem	1,620	»	230	217	11,969	»	1,895	118
	40,565	2,922	14,930	21,323	117,049	3,851	21,545	37,907

Tudo é inexacto n'este paiz, e a prova, se a querem ainda ver em um caso a proposito d'este assumpto, é dizer a estatistica de Coimbra de 1840, que a área do seu districto são 147 leguas, em quanto que a Folhinha do Padre Vicente Ferreira para 1846, (1) dá a este mesmo districto somente 111 leguas — qual d'estes o número que está certo? Certamente nem um nem outro. N'esta suspensão vamos com o que achamos e entregue-se ao acaso das probabilidades que uns erros se compensem com os outros, e assim possamos chegar a algum resultado.

Tem o districto de Lisboa, segundo a Folhinha que acima digo, 303 leguas, e produziu elle 79,740

(1) Este calculo da Folhinha é dado como do Sr. Franzini. *Da R.*

moios de cereaes Ésta producção relativamente á superficie dos 38 concelhos e os 6 bairros do termo de Lisboa, não dá mais, segundo a estatistica de Coimbra, do que 3 partes em 32, que fossem lavradas para todo o districto de Lisboa em 1844. Pelas supputações de José Bonifacio de Andrade nas Memorias da Acad. de 1815, este sabio naturalista calculou que 741 leguas podiam ser proprias para a lavoura de pães nas 2,950 que tem o reino. Este calculo tem todos os visos da verosimilhança a seu favor porque não dá mais da quarta parte do nosso territorio para ésta cultura. Se pois elle andou judiciosamente nas suas estimações, o que devemos acreditar, o districto de Lisboa, mesmo seguindo as velhas rotinas, nos seus processos agriculas, podia ter produzido 453,287 moios em logar de 79,740 que produziu ou pouco menos de 6 vezes a quantidade produzida, e se a sciencia nos alumiasse dos seus conhecimentos chimicos então podia a producção ter chegado mesmo a 12 vezes aquella que se acha declarada no mappa.

Estes são os algarismos e eu não direi que elles em todo o seu rigor se possam ou devam accreditar; mas desde a producção que na realidade é accusada para a que, tanto o nosso academico como os agronomos extrangeiros indicam, vai uma differença que deve a todos espantar.

O espanto porém é um affecto esteril nos seus effeitos, e pondo-o de parte, toda a nossa attenção o que deveria era ser chamada a estudar a sciencia chymico-agricula que hoje se dá por toda a parte, e o que deviamos era tractar das causas porque senão cultivam mais de 17 partes em 100, e ficam n'esses 100 nada menos de 83 desprezadas.

Proviria da reforma que esse estudo havia de suscitar, o augmento de quatro vezes a população que actualmente contém este districto, e a decima com esse augmento passando a ser da metade do que agora é, porque se podia e devia então abater-se, dava duas vezes e meia mais receita para o thesouro do que dá actualmente. Eram 3,000 contos que se arrecadavam sem nenhum vexame por este tributo, em logar de 1,300 que agora se arrecadam com tantas difficuldades.

(*Continúa.*) *C. A. da Costa.*

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

933 Quando o projecto para a instrucção primaria foi elaborado, os dados numericos que agora figuram, eram, como é obvio, aquelles que então havia. Desde esse tempo poucas ou nenhumas melhoras tem havido, e por isso não me darei ao trabalho de reformar as estimativas que vou transcrever. Eu podia cançar o leitor não so com novos calculos sôbre a materia derivados do paiz, mas ainda fazel-o sabedor do que tem ido havendo progressivamente nos paizes extrangeiros, mas intendo que seria isso uma fadiga mais, quo eu ia emprehender, para d'ella ninguem tirar fructo algum. Resumirme-hei pois a expôr as bases da maior parte das disposições do projecto, e se essa exposição aproveitar, ja não terei feito pouco.

Escholas.—O fundamento para a designação das escholas que deve haver, é o seguinte. Existiam em 1843 em Portugal 843,313 fogos, estes divididos por 600 ditos, dão 1,414 escholas, e divididos outra vez por 900 ditos, dão mais 943 escholas, estas sommadas com as anteriores, fazem ao todo 2,357 escholas. O termo medio, pela pratica que teem pessoas experientes n'estes assumptos, e que se póde arbitrar a cada eschola, podem ser 50 escholares. Se assim fôr, 2,357 escholas educarão 117,850 crianças. Esta quantidade, está muito longe de ser a que devêra andar nas escholas, mas é ja tres vezes mais da que anda, porque os mappas officiaes não dão mais de 34,869. Progressivamente se iriam augmentando, nem por agora haveriam mestres para mais.

As mesmas escholas admittindo mais escholares, a despeza não crescia na mesma razão. As aulas da instrucção-primaria mantidas por uma sociedade em Lisboa ahi estão para o provar, porque não dispendeuram no anno de 1845 mais de 1,239 réis por cada alumno, por serem 583, que se tivessem sido mais, ainda a despeza de cadaum teria sido menor.

A despeza de 117,850 crianças vem a ser: 2,357 mestres a 50,000 réis cada mestre, réis 117,850$000 mais 20 mestres, Lisboa e Porto, a 30$000 reis são réis 600$000 e ajunctando a estas duas sommas 1$000 rs. por criança, temos mais réis 117:850$000, que faz tudo um total geral de réis 236:300$000. Esta quantia dividida pelas crianças sahia a 2$000 réis cadauma. O gasto segundo o orçamento é de 3$000 réis por cadauma.

Um e outro termo são exorbitantes, porque a França não despende mais de 800 réis para egual educação. E em Portugal so se poderá ella reduzir a metade do seu preço actual ou ainda a menos, generalizando o ensino mutuo, como se faz em toda a parte onde se aspira a educar as massas.

Mestres. — As exempções e proventos que se determinam aos mestres parecem razoaveis, mas se a experiencia mostrar que são de mais, podem-se cercear. A lei franceza de 21 de março de 1832, livra do serviço militar todo aquelle que exerce o magisterio por 10 annos. O perdão da contribuição duvido que bote nem a decima parte dos 10$000 réis, mas se chegasse a metade sôbre a metade dos mestres podia esse desfalque alcançar, quem sabe, uns cinco contos. Aqui, assim como em tudo o mais, a experiencia é que deve regular.

Paes de familia e seus filhos.— As disposições n'este titulo são mais que razoaveis, nem é possivel, arredar os turbulentos aventureiros de aopé do simples povo, sem armar a este de educação, para por si poder ajuizar das coisas.

Estudos. — N'estes é preciso uma mudança radical. Mas para ella se fazer, não é nenhum dos individuos governamentaes que por ahi nos andam deslumbrando, que é capaz de a deleniar. Uma falta porém cruelissima para toda a nossa população rural, é um cathecismo de chimica applicada á agricultura. Ja o ha na Escossia, e devia have-lo em Portugal. Mudava a face dos nossos campos, e por conseguinte augmentava a nossa riqueza a um ponto que não é facil de calcular. Se mais ninguem houver de o fazer, e o tempo me permittir, póde ser que eu me aventure a fazer essa tentativa: taes são as consequencias que eu d'ahi presumo para os nossos lavradores! que escusavam de perder tantas fadigas e dinheiro muitas vezes, que se tivessem as noções da sciencia podiam forrar.

Junctas Geraes.— Innocular a vida n'estes corpos,

* Continuado de pag. 294.

debaixo sempre da superintendencia do governador-civil, intendo eu que póde vir a ser de muita utilidade. A acção que elles devem ter sôbre o povo intendo tambem que podia vir a ser, sendo bem dirigida, de muita utilidade.

Escholas normaes.

Formar-se-hão tres escholas normaes de ensino primario assim mutuo como simultaneo uma, em Lisboa, outra no Porto, e outra em Coimbra.

A cadauma d'estas escholas pertence a habilitação dos professores, a composição dos compendios, e a prescripção dos methodos que devem servir nas aulas de instrucção primaria.

Todo o individuo que aspirar ao proffessorado do ensino primario, poder-se-ha habilitar egualmente para o seu exercicio sem frequentar as suas aulas, comtanto que se subjeite a exame n'ellas e ahi seja approvado.

Os professores particulares devem ahi tambem ser examinados, e obter carta d'approvação para poderem exercer o ensino.

Os compendios serão propriedade de seu auctor a menos que lh'os não comprem, e sendo approvados para se imprimirem servirão para todas as escholas da mesma disciplina.

Não havendo proffessor nenhum que se proponha a compo-los, serão postos a concurso com premios adequados para quem os faça, gozando das mesmas vantagens que aqui se declaram para os mestres das aulas, caso elles os fizessem.

Conselho geral director.

O conselho geral director, até agora estabelecido em Coimbra mudará a sua residencia para Lisboa, aonde sendo possivel, exercerá as suas funcções juncto da eschola normal, e alli fará a sua secretaria e archivo.

O conselho será composto de 10 membros, 5 encarregados de inspeccionar o que pertence á instrucção primaria e secundaria, e 5 encarregados da inspecção da instrucção superior: 3 tirados de cadauma d'estas secções formarão a da estatistica. O presidente de cada uma d'estas secções será nomeado pelo governo.

Os membros de que devem ser compostas as duas primeiras secções serão tirados para a primeira da classe respectiva da Academia real das sciencias de Lisboa, do Conservatorio real, e da ordem dos professores das disciplinas que devem inspeccionar. Para a segunda serão tirados das escholas polytechnica, medico-cirurgica, e mais faculdades novamente estabelecidas em Lisboa.

Além dos membros effectivos d'este conselho, poderá nomear o govêrno para assistirem e votarem no mesmo conselho todos os individuos que por seu saber e vasta erudição lhe poderem servir de ornamento.

Compete ao conselho dar a sua approvação aos compendios que devem servir de texto nas aulas respectivas para ensino dos alumnos.

Requisitar das junctas geraes o preço das obras que houverem de se comprar a seus auctores, assim como os premios que houverem de se lhes offerecer.

Vigiar e promover o bom andamento das escholas e no caso de providencias inculcal-as e propôl-as ás junctas geraes ou ao governador civil e conselho do districto. Tambem se poderá dirigir directamente ás camaras municipaes sôbre as escholas que houver no seu conselho e que não prosigam com aproveitamento.

Além d'estas obrigações o conselho na secção respectiva, será o centro de reunião de toda a estatistica litteraria do reino, tanto primaria, secundaria e superior publica, como particular.

Para este fim formará os modêlos dos mappas e tabellas que remetterão a todas as aulas do reino para que n'elles lhe seja devolvido o seu estado, movimento, etc. debaixo de todas as especies mais interessantes.

Todos os semestres se fará uma resenha d'estes mappas que ficará no archivo, e todos os annos será publicado pela imprensa o estado da instrucção geral do reino comparado com o do anno antecedente, precedido de um relatorio.

Este trabalho será remettido ao govêrno, ao corpo legislativo, a todos os estabelecimentos publicos, etc.

Gratificações.

Os dez membros effectivos do conselho terão 200$ réis annuaes de gratificação.

Os empregados da secretaria e archivo, aquelles ordenados que forem julgados correspondentes ás suas obrigações.

Dotações.

O costeio das escholas normaes e conselho geral será feito, assim como o das escholas secundarias, sôbre uma quota aggregada á decima, que terá a mesma arrecadação d'aquelle imposto.

As provincias de Traz-os-Montes e Minho, fornecerão o estipendio da do Porto: as da Beira e Alemtejo a de Coimbra: as da Estremadura e Algarve a de Lisboa e conselho geral.

Aposentações.

Nas aposentadorias dos professores das escholas normaes observar-se-hão as mesmas regras prescriptas para os da instrucção primaria, *mutatis mutandis.*

—

Nota. Parece-me que ha confusão entre normal e ensino mutuo na lei de 11 de agosto 1835, na de 8 de outubro 1836, e na de 15 de novembro 1836, art. 5.° § 2.° art. 11.°, art. 15.° § 1.°, art. 16.° e art. 22.°

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

ESTUDOS-MORAES.*

I

DA DISSIMULÇÃO EM REFERENCIA ÁS SENHORAS.

934 Estudos muito ingenhosos e de bastante espirito se teem feito em todos os tempos, sôbre as senhoras. Escriptores de grande talento teem consagrado á interpretação d'estas adoraveis

* V. o n.° antecedente, pag. 309.

Sphinges as suas vigilias e toda a sua finura; sem que porém tenha aapparecido ainda nenhum Edipo, que podesse adivinhar esse enigma constante, sobrenatural, insondavel do seu coração d'ellas. Esses estudos infelizmente executados sem ligação e sem fim determinado, não teem dado resultado nenhum importante para o conhecimento moral e completo das senhoras, nem para o socego da humanidade masculina. Teem-se feito, é verdade, deliciosos quadros de costumes, e teem-se fundado excellentes theorias excepcionaes; mas nada de absoluto, nem de completo nem de humanitario emfim Tem succedido, como dizia ha pouco em França, com todo o orgulho do philosophismo, um successor de Platão: 'O espirito é como uma casaca; mas a sciencia é um paletot. O primeiro póde não servir senão a seu dono; o segundo porém é preciso que sirva a todos.'

So pela sciencia pois, assento eu, se chegará algum dia a adivinhar, póde ser, varios d'esses enigmas activos ou fallados das senhoras. Hoje, que para cada especolidade se estabelece uma academia, em cada terra se celebra um congresso de sabios, parecia justo que para taes estudos se fundasse tambem uma academia de homens experientes e experimentados, que reunindo as suas observações lançassem ao menos os alicerces para essa grande obra da geração futura.

Mas emquanto isso se não faz quero eu ver se posso ou não arrancar tambem uma pedrinha da montanha de Thebas.

Quando contemplâmos uma linda senhora, graciosamente bordando um cabeção, por exemplo, que derepente poisa em cima da mesa o seu delicado lavor, e se deixa levar pela sua imaginação, como se ninguem a víra, abstrahindo-se de tudo o que a cérca; podêmos ter a certeza que essa bonita creatura está premeditando uma vingança, ou que affaga uma esperança. Então não será difficil a um observador experto, muito principalmente se for de certa edade, ir seguindo sôbre aquelle bonito rosto, que varía conforme o pensamento, todos os traços e phases do capricho ou da satisfação das ideas de sua dona.

Mas assim como um regato tranquillo que deixa entrever as pedrinhas do seu alveo atravez da placidez das suas aguas, éstas se turvam tam presto como a briza se levanta: assim tambem a senhora se acorda de seus sonhos, com um leve meneio de cabeça para concertar um caracol que pende, com um imperceptivel franzir de sobrancelhas, *dissimulou* de subito, e o livro dos seus pensamentos fechou-se talvez para sempre ao leitor curioso, que procurava decifrar n'elle o enigma mais impossivel de decifrar — o coração de uma senhora.

Póde-se todavia desconfiar que as senhoras não são absolutamente impenetraveis nas suas meditações, se ellas são observadas sem o presentir. N'este caso não *dissimulam*; mas se percebem que as observam a su: meditação póde ser tambem um scismar *dissimulado*.

Alguns homens dos que mais vivem nas companhias, chegam a sustentar que é possivel, ás vezes, suspeitar das intenções das senhoras por algumas palavras vagas que a troncos se lhes apanham. Eu quero suppor que é justa ésta vaidade masculina, em attenção aos homens casados, — ainda que de mim se ria agora até a mais candida donzella. Mas como se poderá saber quando essas palavras soltas, não são tambem effeito de uma *dissimulação?* Se o forem, que poderão adivinhar de verdadeiro esses profundos vêdores do coração feminino no olhar placido de uma senhora, que *dissimulando* fica sereno perante o seu observador como os olhos da aguia deante do sol? Que descubrirá a sua penetração no meio de todas essas angelicas perfidias de suas phrases *dissimuladas*? Que póde emfim toda a sua experiencia com o machiavilismo mimico de um tregeito da *dissimulação?* Se tudo é affectado figurando ser espontaneo, fingido alardeando franqueza, *dissimulado* com todo o viso da naturalidade?

Que estudo assiduo porém não será preciso a uma senhora para chegar a conseguir tão admiravel habilidade! Não dar nunca uma palavra que parecendo escapada d'alma, lhe não venha da cabeça! Não ter nunca um sorriso que parecendo espontaneo não esconda um motivo! Não fazer nunca um gesto que parecendo todo natural não tenha sido muito e muito reflectido! Que insano trabalho este! E comtudo não ha senhora que lhe prefira o ser franca! Não ha menina que não ache immediatamente dez maneiras de podêr occultar a verdade sem mentir.

Se pozessemos um homem, por mais instruido e conhecedor do mundo que elle fosse, em circumstancias identicas a muitas embaraçosas de que uma senhora se sabe correntemente sahir airosa, apenas com uma *ingenua dissimulação*, podiamos estar certos que o nosso expertalhão não saberia arranjar as coisas senão a podêr de mentiras, fazendo-se muito vermelho, balbuciando

tres vezes em cada palavra, fitando os olhos no chão, e não sabendo que fazer dos braços. É porque uma senhora desde a infancia que estuda a dominar o seu gesto, e a servir-se dos olhos como lhe faz conta; em quanto que o mais velho e matreiro dos homens politicos é muitas vezes atraiçoado por um simples volver dos seus. Aquella fina delicadeza de tacto com que a senhora sabe tornar innocentes os seus movimentos mais cheios de malicia; não é nem siquer conhecida do mais velhaco dos diplomatas. Constrangido, sem arte nem graça, quasi brutal o gesto do homem é o seu maior denunciante. Dizem que o braço é o maior inimigo de um diplomata, e que por isso todo o grande politico se ve obrigado a ter as mãos, por habito, ou segurando nas algibeiras como Talleyrand, ou encruzadas como Luiz XI, ou emfim, o que é mais prudente ainda, escondidas atraz das costas como Napoleão.

O homem porém, longe de se abater perante ésta superioridade incontestavel das senhoras, ao contrario, sentindo a sua vaidade estimulada, quer campar de experto, e faz-se hypocrita com ellas o miseravel! Lembra-se de Tartufo, e todo orgulhoso porque esse era homem cuida que é o typo do genero, e que está ahi o que elle deve arremedar, para alcançar o triumpho dos seus fins. Mas a hypocrizia é coisa bem insignificante para oppor á *dissimulação!* Vejam o tal typo, o tal Tartufo; estudem-no bem como eu agora estou fazendo. O pobre diabo tem que se esconder dois actos inteiros com medo de se trahir. É um velhaco ignobil todo assucarado, cujo vestuario preto, voz escura, olhar sombrio, vem dizendo a todos la da distancia em que o avistam: 'Desconfiem de mim porque eu sou um grandissimo maroto.' Um embusteiro que não póde inganar Elmira, nem Marianna, nem Dorina, nem ninguem senão um estupido! Um seductor que préga moral em vez de fallar de amor aope de uma mulher de trinta annos, e mulher de um seu amigo de mais a mais... Um desprezivel de quem por fim todos zombam e poem no andar da rua. Ora opponham la uma figura d'estas contra uma senhora! Moliére mesmo nos apresenta o contraste. Vejam o triumpho da *dissimulação*. Celimène, rindo sempre, sempre seductora, amada por todos, brinca com todos, zomba de tudo, muito ingenuamente, quasi sem o saber. Parece que o grande escriptor quiz dizer aos homens, apresentando-lhes Tartufo: 'Aqui está como *quereis* inganar;' e ás senhoras apresentando-lhes Celimène: 'Aqui está como *sabeis* inganar.'

— 'Pois que!' estou eu ouvindo exclamar, ao lerem isto, todos os meus leitores barbados, 'estaremos nós de tal modo dominados por um espirito de franqueza, que não possamos nem siquer dissimular tambem alguma coisa?' Não é d'isso porém que se tracta: podem dissimular mal ou bem quanto quizerem, meus senhores; o que, em quanto a mim, não podem é saber com uma certeza que os socegue, se são ou não são inganados pela *dissimulação* feminina. Por outra; estão condemnados a jamais saberem distinguir o que é ou não é *dissimulação* n'uma senhora. Aqui está no que bate o ponto.

— 'Mas que fazer n'esse caso!' redarguirá *desappontado* o partido dos logrados: 'quem aponta o mal indica o remedio. Teremos nós de cubrir a cabeça de cinza, e gemer no aviltamento até á consummação dos seculos e das senhoras?' Decerto que não: ao contrário. O remedio consiste em escudar o peito com arnez de bronze; reconcentrar toda a nossa coragem, armar o coração de inexoravel desdem e ter paciencia. A coragem alimenta ésta, o bronze que nos forrar o peito nos permittirá usar d'aquelle. Se o podeis fazer, desafiai toda a *dissimulação* que a mais fertil imaginativa de uma senhora de tres estados podér inventar; senão... soffrei; mas não tenhais vaidade.

DOIS ANNOS DE VIAGEM. *

1844 — 46.

II

Um grande livro perdido para os vindoiros. — Um assassinato abordo

935 Foi ja mais chegado ao novo do que ao velho mundo, que eu tive o primeiro pensamento de escrever um diario, roteiro, memoria, ou quer que fosse, d'esta minha viagem ao sul da America. Fechei-me no meu estreito camarote, e ahi tracei, a sós, um prologo para a futura obra, que sahiu como se segue:

— Vou escrever um livro, quasi todo so para minha propria leitura — com alguns capitulos para serem vistos por homens que me parece conhecer — com poucos para o vulgo, que além de *profano*, diminuta porção de gôso acharia no folhear de suas paginas. Não é a narração circumstanciada de uma viagem, não é a satyra de uma corporação — nem historia, nem romance: é uma coisa que não havendo de ser aferida na almotaceria dos criticos, não aspirando ao brilhantismo do prelo, nem á bibliotheca do curioso, póde ser livremente como a imaginei, isto é — recordações de viagem de mistura com alguns factos de vida intima, tudo entrelaçado de uma pouca de philosophia,

* Continuado de pag. 309.

tal qual a possuo — e de laivos de poesia, que — lançados ao acaso n'uma cabeça de mancebo, sahem — mesmo a seu pezar — a estampar-se no papel — como tudo que imagina um rapaz de vinte-e-tres annos, lhe transparece no rosto, nas acções e palavras — se elle tem boa-fé — se crê em Deus, e em mais alguma coisa..... Ora ahi está o que é o meu livro, que decerto não hade incommodar pessoa alguma contra sua vontade; — feliz, que não está subjeito a regras, — livre, que não attende a conveniencias — contando um verdadeiro amigo (o mais raro dos dons — hoje e creio que sempre —) que sou eu. — *Bordo da Diana, á vella*, 12 de dezembro de 1844, ás 2 horas da tarde, em latt. S. — 16° 30′ — Long. O. de Grenw. — 35° 30′. —

Por alguns mezes trabalhei com afinco no meu livro — e tinha-lhe amizade. — Prometia ser volumoso.... feliz da humanidade se elle chega a completar-se! Desgraçadamente para os vindoiros, aconteceu-lhe o contrario: — ides ver como se perdeu ésta grande obra.

Lembrou-me um dia, que para nada servia o estar moralizando commigo mesmo — que obrava mal preparando uma seccatura para amofinar os ouvidos dos meus poucos amigos intimos — e que o melhor era entreterme com o publico: um tão philantropico pensamento não podia deixar de ser abraçado pela minha consciencia (embora sacrificasse o meu prologo tão querido) — queimei a parte que so a mim pertencia (fiai-vos la em amizades de poeta) — escondi a dos amigos, por que algum dia póde a sua apparição ser necessaria, para lhes provar que em nenhum caso da vida os olvidei, e.... zás! — reuno a outra frandulagem, e eis-me aqui como capitão de navio naufragado, que perdeu a melhor parte das fazendas que trazia — fazendo leilão dos restos avariados da carga, que vieram ter á praia.

— Ora vejam que massada! exclamam n'este ponto alguns dos leitores, — que nos importa a nós saber, como e quando imaginaste escrever essas sandices; diz-nos o que sucedeu na viagem, e mostra-nos alguma coisa interessante dos paizes que percorreste. Sobretudo, não falles de ti, que é mau costume, posto que muito usado — ainda por homens que se tem em grande conta. — Eu poderia responder que — muito pedaço d'asno por ahi tem fallado de si, á falta dos contemporaneos lhe darem importancia, e que assim tem ganhado nome e fama.... mas isso seria um nunca acabar, podernos-ia conduzir ao campo das personalidades, e conseguintemente das mal-querenças; — e eu quero desmentir a gente que por ahi me assoalha como homem de genio questionador e imbirrento..... — E elle outra vez a fallar de si!..... — Nada, ja não digo nada; nem mais palavra a meu respeito. — Ca me metto a bordo, com licença.

Estamos em meio do Oceano: — o ceu e o mar começam a tingir-se de negro, porque o sol escoou-se, horisonte abaixo, ha quasi uma hora. Vinte dias são passados, desde que, deixando a frondosa ilha da Madeira, partimos em demanda da terra de Sancta Cruz; vinte dias da mais deliciosa viagem, — sem desgostos, sem incommodo algum (aqui havia uma nota, das que foram queimadas no meu auto-de-fé litterario) — achâmo nos na latitude da *Bahia-de-todos-os-Sanctos*, — a noite do dia 10 de dezembro vae-se deslizando calmosa — e a fragata resvala com serenidade sobre a superficie das aguas: — o ceu, o mar, o navio e os homens, tudo parece submerso em socego profundo..... quando uma voz, sinistra — como o dobrar do sino de finados, — echoa nas amuradas da Diana: — Mataram um homem... acudam!.... Eis ahi o brado que soltando-se da proa, percorre a tolda, repercute no convez, e vae sumir se na coberta, alvorotando toda a guarnição que corre baralhada sem saber onde acudir. Vejamos a origem d'este grito, e contemos ja como aguada a satisfação da deliciosa viagem.

Foi o caso. — Um moço (Manuel Fernandes era o seu nome, de alcunha o *Bixarouco*) quasi possesso — não sei porque motivo — creio que não embriagado, atravessa o convez arrebatadamente pizando tudo que encontra no caminho e clamando — Oh! hoje heide levar pau! (é a expressão com que os marinheiros designam vulgarmente o castigo das chibatadas) — um aspirante a guarda-marinha, muito joven ainda, quer impedir-lhe o passo e fazel-o calar, mas o monomaniaco derriba-o com um bofetão, e passa; — o aspirante corre a dar parte do acontecido, mas soa immediatamente o grito fatal que mencionámos: — Mataram um homem! — ja serão tardias as providencias.

Eis aqui como nos contaram o acontecido: — Manuel Fernandes seguira para o castello depois da insubordinação mencionada, encontra alli um rapaz que nenhum damno fazia, e maltrata-o sem razão alguma; — um marinheiro — bom no porte e na figura — tenta evitar que o possesso cometa maiores disturbios, admoestando-o convenientemente — desgraçado! — Quer ficar sem cabeça? são as primeiras palavras de Fernandes; mais alguns dittos, poucos, — e a faca do monstro traça um largo rasgão na garganta de Manuel Martins (o marinheiro) — outro golpe á barriga que é evitado pelo enerme, e recebido no braço — e desapparece.

— Agarra o Bixarouco!.... é o grito unanime que se ouve, mas o matador não apparece por alguns minutos em parte alguma do navio; então o commandante determina que se forme a guarnição na tolda, e Manuel Fernandes responde no seu logar e pelo seu numero — ignora tudo, estava dormindo, nada viu, de nada sabe, e até nem fallou n'esse dia com o ferido! — O commandante (o Sr. J. M. F. do Amaral) tem a lembrança de comprimir-lhe o peito com a mão — n'aquelle coração não havia mais que o pulsar ordinario — a alma do assassino não sentia um remorso pelo destino da sua victima — não sonhava o seu proprio futuro: — era uma fera sob a apparencia humana!

Recordei-me então de que elle ja promettêra uma vez cortar as guelas a um outro marinheiro, soffrendo por isso um pequeno castigo corporal; um aspirante affirmou tambem ter-lhe ouvido da propria bocca, contar aos camaradas da gavea, que em um bordel, matára um homem e feríra outro, fugindo depois pelo telhado.

Acreditareis que eu o vi chorar, no memento de lhe pôrem dois pares de machos de ferro aos pés? — pois é verdade! — Com as mãos na cabeça, exclamava: — Eu, que não fallei com aquelle homem hoje, senão quando o vi ferido a clamar contra mim, e que me abracei com elle dizendo-lhe: — Homem, não fui eu que te fiz mal!.. (São expressões textuaes).

O marinheiro ferido, que tinha as sympatias de toda a guarnição, apparecia coberto de sangue, e cercado

de cem pessoas que lhe queriam prestar soccorros; por entre gemidos dilacerados, exclamava a espaços: — Ladrão! que me mataste sem te eu fazer mal. — eu, que estava tão socegado!... Minha pobre mãe... minha velha.... que será de ti?! — Estas palavras pronunciadas por um moribundo, eram crueis de ouvir.... E eu conhecia a velha, ria muitas vezes á porta da sua pobre casinha no Funchal; — afastei-me do dasgraçado.

Que painel: — a victima revolvendo-se n'um charco de sangue, e a poucos passos de distancia o assassino negando o attentado com a mais hedionda hypocrizia! — Cheguei a ter asco á humanidade n'aquelle momento; pareceu-me ver todos os homens debaixo do mesmo typo de fera que tinha presente. — E depois, quando toda a guarnição fallava no horrivel crime, quando todos desejavam trincar o coração do monstro — elle, a quem haviam arrancado vestes salpicadas do sangue da sua victima — elle, coberto das maldições de quatrocentos homens, — elle, ameaçado de uma morte dolorosa — o infame dormia placidamente o seu somno de condemnado! — Ainda não eram nove horas, pouco mais de uma havia passado sobre o acontecimento, e o malvado repousava tranquillamente, a sua respiração era uniforme — posso affirmal-o, porque tive a curiosidade de me deitar por alguns momentos ao lado d'elle. — É espantoso! inacreditavel!

E as esperanças de salvar o marinheiro perdiam-se; dois cirurgiões que velaram toda a noite junto d'elle, receiavam vel-o expirar a cada momento.... mas Deus obrou um milagre!

Manuel Martins escapou da morte; ao dar fundo no Rio-de-Janeiro ja se levantava para ver o paiz, e passados mais alguns dias começou a trabalhar; — ninguem tal esperava, porque o golpe fôra profundo.

E o facinora, do fundo da sua reclusão (um paiol quasi no fundo do navio) pedia que o castigassem, e que o não tivessem mais tempo prêso; — com toda a segurança, como se tivesse a esperar comiseração de alguem, onde todos o odiavam, — despresando o mais flagelante de quantos castigos sanccionam os codigos penaes da Europa, no seculo actual — os açoites!

Formou-se um conselho de officiaes para o julgar, e o malvado foi interrogado. Confessou o crime sem hesitar, accrescentando que só a embriaguez o fizera faltar á verdade na noite do homicidio! — Achou-se face a face com a sua victima e não vacilou! — Acabado o interrogatorio, é mandado de novo para ferros; e esse homem em completa abnegação de si, pede outra vez que o castiguem de prompto.

E os dias substituem os dias, sem que se ouça abordo fallar do malvado, sem que ninguem mais o veja, do que o companheiro que lhe leva a refeição diaria.

Desculpe agora o leitor, que — atacando a veneravel lei das unidades, nas suas formulas de logar e tempo — o transporte a Loanda, para assistir á conclusão d'este sangrento drama, que escapou de ser tragedia por duas vezes.

Depois de largos mezes de isolamento em um paiol, foi o Bixarouco mandado sentar praça no corpo de infanteria de linha de Angola, para ir servir em um dos presidios do sertão (não sei por sentença de que auctoridade, porque não assisti ao desfecho — curo por informação) porém o caso é, que o homem fugiu aos *Empacasseiros*, que o conduziam para o quartel, e que até hoje não se soube mais d'elle. — Alguem me disse que regressára a Lisboa, em um dos navios de guerra que sahiram por esse tempo de Loanda. Não sei. É o grande precalço de quem conta historias verdadeiras — não saber muitas vezes como as hade terminar; o que não acontece aos novellistas, que até quando Deus quer, parecendo-lhe pequenos os premios e castigos da terra, para os seus anjos e demonios ideaes, os fazem transportar no fim da obra — ao ceu ou ao inferno — conforme os seus merecimentos.

Haja vista ás *Memorias do diabo*.

Porém, tempo é de conduzirmos o leitor ao Brasil; — alli descançaremos tres mezes das fadigas de vinte e seis dias de viagem.

(Continúa). *Francisco Maria Bordallo.*

VARIEDADES.

DO TRACTAMENTO DE SENHORIA.

936 *Senhoria*, é titulo de cortezia com que se distinguem algumas pessoas por mercê dos reis. Para se conhecer quanto importa, e quanto val esta honrosa preeminencia, cumpre notar, que o tractamento de *Senhoria* foi desconhecido em Portugal até o reinado d'el-rei D. João I, de sorte que os riccos homens nas representações, que lhe fizeram em Coimbra, insertas na ordenação Affonsina, repetidas vezes lhe deram o tractamento de *Mercê* [1]: o mesmo praticaram no reinado de seu filho D. Duarte [2], e no de seu neto D. Affonso V [3]. Correndo o tempo veio o mesmo tractamento a ser privativo n'este reino do imperante, de sorte que na linguagem de certo historiador: *Antes de entrar a reinar o Senhor D. Manuel dava-se aos reis de Portugal o titulo de Senhoria: ordenou elle que se lhe désse o de Alteza Serenissima, e não quiz o de Magestade. Os seus tres successores tiveram o mesmo tractamento de Alteza, e o Senhor D. João IV teve-o de Magestade* [4]. Desde então começou a *Senhoria* a decahir da sua primeira estimação, e grandeza, mas sempre destinada para os mais altos titulos e empregos.[5] Agora porém está a *Senhoria* em tal abatimento e prostituição, que causa riso vêr e observar o abuso, que por toda a parte se faz d'esta amavel distincção, ácerca da qual diz o Abbade Paulino Cabral de Vasconcellos.

«Tudo está caro: so em nossos dias,
«Graças ao ceu! temos em bom preço,
«Os tremocos, o arros, e as senhorias.« [6]

O Abbade Castro.

LADRÕES QUE NENHUMA LEI PUNE.

937 Soffremos que uma aluvião de modistas francezas venham abrir em cada rua de Lisboa uma loja de venda, onde as nossas tafues e os nossos dandys

1 Ord. liv. 2. tit. 59. §. 1, 2, 30, 31, 33 e 34.
2 Ord. liv. 4. tit. 81 desde o §. 25 até 33.
3 Ord. liv. 1. tit. 64 §. 3 e 4.
4 Mr. Clede Hist. de Portugal tom, 8. pag. 67. E ainda Rui de Pina, fallando com o Sr. D. Manuel, lhe deu Senhoria no prologo das Chronicas, que escreveu e lhe dedicou.
5 Por lei de 16 de settembro de 1597, inserta na Ord. liv. 5. tit. 92. Col. 1 n.º 4.
6 Tom. 1. Sonet. 214.

se provejam de trapicalhadas, em cujo uso se tornam ridiculos; os paes e os maridos, que paguem ja que não sabem refrear-lhe os caprichos.

Lamentâmos, mas soffremos que os censores sejam tão pouco escrupulosos em licencear dramas, e que não obriguem os dramaturgos ao menos a escrevel-os em boa, e correcta linguagem.

Soffremos que no seculo XIX ainda haja em Portugal corridas de touros, e pessoas, que se julgam civilizadas que concorram a este espectaculo barbaro, e anti-christão.

Soffremos, ainda que com bastante despeito, que o espirito jesuitico tenha ressuscitado em alguns collegios, e aulas de primeiras lettras desta capital, chegando aponto de n'ellas se haver introduzido o vergonhoso castigo dos assoites, e o abuso de se darem palmatoadas ás duzias; ás vezes so por uma creança não saber a licção que o mestre lhe não soubera ensinar.

Soffremos que os taberneiros baptizem o vinho, que os cortadores furtem no peso, que os padeiros vendam pão afogueado em vez de cozido, que os boticarios pela antiga regra do *qui pro quod* façam os cozimentos com carangueijos em logar de rans, substituindo as drogas que tem ás que se lhes pedem nas receitas; e a culpa não é d'elles, mas dos malsins que não fazem a sua obrigação.

Soffremos que os advogados dem dez interpretações a cada texto da lei, segundo comvem á causa, que defendem; que os parochos nos baptizem por dinheiro, nos casem por dinheiro, nos enterrem por dinheiro, e por fim teimam que dão graça de graça. Este mal é innevitavel, em quanto se lhes não poder dar congruas taes, e tão bem pagas que se lhes possa fazer o processo por qualquer exigencia de pé de altar.

Tudo soffremos, para tudo temos indulgencia, menos para uma cousa, e esta é que vaguea por ahi uma caterva, quadrilha, ou como em direito melhor nome tenha de ladrões cortezes, abusando da amizade, e da confiança dos pobres cultivadores das lettras, lhes roubem os objectos da sua mais viva ternura, os bens mais preciosos que possuem, os livros.

Ainda o mal não seria tamanho se elles os roubassem como se rouba na estrada, empregando a violencia, com a pistola ingatilhada, ou com a faca na mão! n'esse caso haveria violação de lei, poderiamos recorrer aos tribunaes, e por sentença sem alcançar a restituição, ou a indeminização do roubo; mas o negocio não marcha por esse caminho, e os taes melientes fazem o mal, e ficam fóra do alcance da justiça.

Elles não tiram os livros, não os roubam, segundo a força d'este termo, vem a nossa casa mui attenciosos, com muito bom modo, pedemnos-los emprestados; e apenas os viram á mão, podemos contar, que não tornamos mais a ve-los.

Bem sabiamos nós que no tempo presente o imprestado era dado; mas estavamos persuadidos de que esta regra governava sómente para o dinheiro, e para os trastes, mas ja vemos que não é assim, que os livros são tambem comprehendidos, e por isso em um diccionario universal da lingua portugueza não nos esqueceremos de collocar em logar competente «*livros imprestados*, *livros perdidos*, *livros tomados de imprestimo*, *livros roubados*.»

E o que é mais notavel e extraordinario é que no número d'estes *empalma-livros* ha alguns a quem poderia fiar-se ouro em pó, e que preferiam morrer de fome a furtar um pão a um padeiro.

Desejavamos saber quem eram os confessores d'esta boa gente; serão theologos da eschola de Busembeau, de Lessio, de Diana, ou de Escobas? É natural por que os casuistas da Companhia de Jesus acharam o meio de justificar todas as culpas so com a mudança de nome, e por meio de restricções mentaes um homem (dizem elles) pecca mortalmente se accéita um desafio, entrando n'elle por espirito de vingança, não pecca porém se briga so por conservar o seu credito, e porque *não lhe chamem galinha*, pecca o religioso se despe o habito, mas não pecca se o despe *ut melius psalat*, ou *ut eat incognitus ad lupanari*; talvez pela doutrina *das opiniões probaveis*, achem que furtar um livro ou não é peccado, ou seja sómente um peccadinho social!

Levam ás vezes um tomo so, e no fim de contas não restituindo esse unico tomo deixam innutilizada uma obra inteira, e arruinam um pobre litterato! quantas vezes o livro, que nos levam, por sua raridade nos levou annos a incontrar! quantas vezes nos foi necessario mandal-o procurar em paizes extrangeiros, importunando para isso os nossos amigos, e gastando o que não podiamos gastar!

E então a perda de tempo que causam ao dono fazendo-o andar scismando para saber a quem o imprestou?.. e as suspeitas, e juizos temerarios que o obrigam a fazer?.. e a raiva, o despeito, e a inquietação de espirito que motivam?.. e a responsabilidade da pessoa, que imprestou o livro que muitas vezes não é seu?.. que vergonha, e que desespero para ellle em tal caso, em quanto o empalmador se banha em agua de rosas!

Ora vejam que afflicções, que penas por tão pouca cousa! (dirão elles) que almas tão pequenas!.. choram por um livro como se lhes tirassem um morgado, ou algumas duzias de acções do banco, ou de inscripções de quatro por cento!.. um livro!.. e o que é um livro?.. ah! um livro é muitas vezes um amigo, e o amigo mais mimoso, e mais querido.

Lembra-nos a este respeito a scena que vimos representar na loja de um livreiro, que n'outro tempo frequentavamos, bom tempo era esse! Era tambem dos frequentadores d'aquella loja, certo morgado, Deus tenha a sua alma, grande compositor de versos obcenos, grande cultor de Bacho, grande pregador de atheismo, muito infronhado em fidalguia, posto que o notorio procedimento da Sr.ª sua mãe désse probabilidade bastante a quem julgasse que na sua fortuna tivesse tido mais parte o escudeiro, que o marido que casára com ella em idade ja mui avançada... Seja como fôr!.. Este fidalgote junctava ás suas muito boas prendas este gracioso vicio de ficar com os livros alheios! entrando pois uma tarde na loja, assestou a luneta, e vendo sôbre o balcão um livro, que lhe agradou o metteu na algibeira com toda a sem ceremonia! o livreiro o bispou, porém callou-se, sempre na esperança de que o homem o pagaria, porém o cavalheiro não fallava em tal, e ja ia sahindo pela porta fóra.

Ja se ve que o caso era apertado. Como havia o dono haver á mão o seu livro, sem lhe fazer um cumprimento pouco civil, gritar sôbre elle apalpar a algibeira de um morgado, que blasonava de valente posto que fosse fraco, como uma abobara, era im-

possivel! perder um exemplar *do Oriente* era tambem duro de tragar! Nas pressas Deus acode, e o livreiro lançou mão do seguinte expediente: chegou-se respeitosamente ao fidalgo «olhe V. S. (lhe disse) que não posso dar-lhe esse livro por similhante preço, porque é o poema do Padre José Agostinho, e obra de muita estimação.» Senhores, (devemos nós dizer aos que não restituem os livros) não podêmos fazer-lhe presente d'elles.

Tomam as pessoas, que tem esta balda, tanto amor aos livros, que lhes imprestam, que não teem animo, para se descartarem d'elles. Por este methodo é facil colligir uma numerosa, e escolhida livraria: e quantos conhecemos nós d'estes, cujos nomes nos estão a escapar pelo bicco da penna, e que omittimos para que não nos chamem más linguas.

Desculpam-se com as expressões vagas, e banaes de ainda não li... estou fazendo um extracto!.. tirando alguns appontamentos, e no interim junctam-se dias a dias, mezes a mezes, annos a annos, passa o tempo, esquece o livro, e fica o livro perdido. Le-de, e restitui: mas para tal gente é mais facil reter o livro, do que o que contém o livro.

C...

CORREIO-EXTRANGEIRO.

938 Cinco congressos de sabios se vão agora reunir na Allemanha, ao mesmo tempo o dos philosophos e archeologos em Iena, na Prussia, o dos litteratos em Dresde, na Saxonia; e dos pedagogos ou professores da eschola de Mayence; o dos architectos em Gotha; e o des naturalistas em Kiel, no Holstein.

Nos primeiros nove mezes do corrente anno, o número de viajantes entre Inglaterra e o continente foi de 129,810.

Vai estabelecer-se um carril de ferro do Mexico a Vera-Cruz. As obras começaram perto da última d'estas cidades e estão ja bastante adiantadas.

Os leitores póde ser que ainda se lembrem da celebre carruagem-a-vapor do inglez Henson, que devia andar pelo ar como qualquer wagon por um carril-de-ferro; mas que até hoje não appareceu ainda senão em gravuras: pois saibam agora que os jornaes allemães fallam detalhadamente da descuberta de uma carruagem aerea ja construida em Bruxellas por um tal doutor Van-Hekke, de que elle tirou privilegio na Belgica e em França. Accrescenta-se que as experiencias parciaes teem sido completamente satisfatorias, e que a immensa questão da navegação pelo ar parece estar decidida.

Como os leitores da Revista ja sabem, a polvora d'algodão é coisa corrente e provada ja em França, Inglaterra e Allemanha. O espirito humano não pára porém; parece que um chimico de Berlim fabricára um papel electrico que tem a propriedade de ser ainda mais explusivo do que o algodão. As suas experiencias abonam a descuberta. A par de tantos meios de dar cabo do homem, não apparece nenhum que o livre da morte, ou pelo menos que lhe possa dar melhor vida!

Prepara-se em França uma expedição scientifica ao rio das Amazonas, composta de uma corveta e um vapor. As sciencias não serão as unicas interessadas n'esta empresa grandiosa, o commercio europeu póde utilizar muito com os importantes resultados d'ella.

CORREIO NACIONAL.

939 No dia 19 do corrente entrou a barra o vapor inglez *Royal Tar* (paquete do sul) procedente de Gibraltar e Cadiz, com 68 passageiros. Sahiu no dia 20 para Southampton com 57 passageiros.

Por decreto de 19 do corrente se determina, que, achando-se findos os prasos de pagamento das dividas activas do Estado, segundo os decretos de 26 de novembro e 1 de dezembro de 1836, e carta-de-lei de 5 e 16 de novembro de 1841, seja elle prorogado por um anno. Estabelece tambem algumas modificações na fórma do pagamento.

Por decreto de 21 do corrente é creada uma commissão de tres membros juncta ao Banco de Portugal para vigiar e garantir a emissão, amortização, etc., das notas cuja circulação está auctorizada segundo as respectivas disposições.

Parece que o governo vai prohibir a exportação de cereaes, e diz-se que permittir a importação de farinhas.

Por decreto de 24 do corrente é revogado o de 1 de outubro último que marcou o praso para a circulação da moeda extrangeira n'estes reinos, determinando-se que continue a mesma circulação conforme o decreto de 23 de junho último.

Por decreto de 19 do corrente é creado o 'Banco de Portugal' com o capital de onze mil contos, composto do actual capital do 'Banco de Lisboa,' do capital effectivo da Companhia 'Confiança' e da quantia de 1,200 contos, que deverão entregar os accionistas d'esta Companhia, em prestações até dois por cento do nominal das acções, com intervallo de tres mezes, e mais 1,000 contos em notas promissorias da Companhia 'Confiança' ou do Banco, capitalizadas. É provavel que este objecto occupe mais extensamente as columnas da Revista no seu seguinte número.

Praça-de-Lisboa. — Na semana última o mercado continuou froixo; houve poucos compradores a acções de companhias, e poucas transacções em fundos-publicos. Os metaes conservaram os preços, e o mesmo os fundos-publicos. As notas trocaram-se sôbre 800 réis. Desceram as acções do Banco de Lisboa e Porto, Fiação e Tecidos, e Obras-publicas.

Ensaia-se no theatro de D. Maria II uma ingraçada comedia em tres actos: *Os amores de um fidalgo*

Espera-se em Lisboa o celebre Cobden, fundador da liga ingleza contra as leis sôbre cereaes; e cujos esforços a favor da liberdade do commercio lhe tem merecido em toda a parte grande sympathia. Acolhido brilhantemente em França e na Hispanha, onde tem sido obsequiado com banquetes em todas as cidades mais importantes por onde tem passado, o famoso economista não mereceria menos em Portugal, se os graves acontecimentos em que o paiz está involvido e não embaraçassem. Assim mesmo algumas pessoas lhe projectam um banquete esplendido, se as circumstancias publicas o permittirem.